



Televisão privada, Plataforma de Esquerda e Manuel Monteiro

1992

O PS não precisa de ter complexos de esquerda
(António Guterres, novo secretário-geral do PS)

Um governante não é mais que o resto anacrónico de uma velha liturgia hoje extinta...um velho monstro paleontológico, desenterrado das florestas carboníferas e repostado, com palha dentro, no meio do espanto da flora e da fauna do mundo moderno
(Ramalho Ortigão, em 1882)

●**Maastricht, teledemocracia e operações mãos limpas** – Clinton é eleito presidente norte-americano (Novembro), surge a NAFTA (17 de Dezembro) e, na Europa, com os jogos Olímpicos, decorrendo em Barcelona, é assinado o Tratado de Maastricht, instituindo-se a União Europeia (Fevereiro). Tanto começa a guerra na Bósnia (Abril) como se dá a intervenção internacional na Somália (Dezembro). É através do novo governo de maioria absoluta de Cavaco Silva que Portugal inicia a primeira presidência portuguesa da Comunidade Europeia. Dá-se, entretanto, uma profunda alteração na liderança dos partidos da oposição. No Partido Socialista, é eleito António Guterres; no CDS, surge Manuel Monteiro; antigos membros do PCP, constituem a Plataforma de Esquerda; finalmente, surge um novo secretário-geral no PCP, Carlos Carvalhas. O governo sofre, entretanto, os primeiros sinais de contestação social, com manifestações de estudantes contra o proposto regime das propinas e vagas de contestação de agricultores, descontentes com o processo de aplicação da Política Agrícola Comum. Em Julho é conhecido o desfalque do maior corretor português, Pedro Caldeira, enquanto Maria José Nogueira Pinto se demite do governo (19 de Agosto). Pela Lei Constitucional nº 1/92, de 25 de Novembro, ocorre a terceira revisão constitucional, visando a adequação ao Tratado de Maastricht. Para além da recepção do conceito de *cidadão europeu* e da alteração do estatuto do Banco de Portugal, o texto constitucional passa a defender a *construção da união europeia... com respeito pelo princípio da subsidiariedade, tendo em vista a realização da coesão económica e social*. No fim do ano iniciam-se as emissões da primeira televisão privada portuguesa, a SIC, liderada por Pinto Balsemão. Entra-se numa era nova, próxima da *teledemocracia*. A direita personificada pelo jovem líder Manuel Monteiro, recebe os impulsos de um discurso concebido pela geração do *Independente*, principalmente através do colunista Paulo Portas. No PSD pontifica a actuação mediática do antigo marxista-leninista maoísta, José Pacheco Pereira. No ano em que a Renamo assina com a Frelimo o acordo geral de paz para Moçambique, pondo fim a dezasseis anos de guerra civil, esta volta a Angola, depois da revolta de Luanda onde a Unita foi decapitada num só dia, com mil mortos, entre os quais os líderes do movimento Salupeto Pena e Jeremias Chitundo.

• **Do futuro federalista da Europa à nova ordem ecológica** – No plano das ideias, no ano da morte de Hayek, quando Dusan Sidjanski reflecte sobre *L'Avenir Fédéraliste de l'Europe* e Nicholas Funkenstein nos questiona sobre se as elites estão a levar ao fim a democracia, Francis Fukuyama transforma um artiguinho publicado três anos antes num pretensioso tratado *The End of History and the Last Man*, um *best seller* que a prática desmente. Luc Ferry reflecte sobre a *Nouvelle Ordre Écologique*, prossegue a saga dos comunitaristas, questiona-se o fim da soberania (Joseph Camilleri). São muitas as pesquisas teóricas sobre a nova ordem mundial (Robert Tucker) e a nova geopolítica (Michael Ward). C. Colliot-Thélène fala sobre a história do desencanto do Estado, de Hegel a Weber, e Chantal Millon-Delsol reflecte sobre o *Estado Subsidiário* e o princípio da subsidiariedade. Teoriza-se o *fanatismo* (Dominique Colas), a *predatory rule* do político em África (Robert Fatton), a *cultura do consentimento* (John Kenneth Galbraith), os *fundamentos morais das instituições do mercado* (John Gray), a *tribalização do mundo* (Michel Maffesoli) e a *corrupção da república* (Yves Mény), num tempo de *estranho pós-comunismo* (G. Mink).

• **Do erro de Descartes à nova história de Portugal** – Entre nós, no ano da morte da pintora Maria Helena Vieira da Silva (n. 1908), quando se conhece o desfalque do corretor Pedro Caldeira (23 de Julho), o Prémio Camões é atribuído a Vergílio Ferreira, enquanto o Prémio Pessoa vai caber a António e Hannah Damásio que, com a divulgação das respectivas pesquisas científicas, demonstram o *erro de Descartes*, dado ter-se desvalorizado a inteligência emocional e aquilo que Max Weber qualificou como a *racionalidade valorativa ou axiológica*. Já o historiador José Mattoso inicia a publicação de uma monumental *História de Portugal* que, de certa maneira, vai ocupar o lugar da que havia sido desencadeada por Damião Peres. Francisco Lucas Pires interroga-se sobre *O Que é a Europa?*, Luís de Sá reflecte sobre *Eleições e Igualdade de Oportunidades* e destaca-se a publicação das *Memórias* de Luís Cabral de Moncada, enquanto Paulo Ferreira da Cunha se doutora em Paris, com *Mythe et Constitutionnalisme au Portugal (1778-1826)* e começa a destacar-se o popperiano João Carlos Espada com *Dez Anos que mudaram o Mundo. Crónicas sobre o Renascimento da Ideia Liberal*, enquanto Franco Nogueira escreve *Juízo Final*.

• **Lisboa, capital da Europa** – Portugal assume, pela primeira vez, a presidência da União Europeia, pretexto para a construção do complexo do Centro Cultural de Belém (1 de Janeiro), assente sobre o chão físico e as memórias da praia e porto donde a Europa partiu pra circum-navegar a terra e para dar *novos mundos ao mundo*. O escudo adere ao SME (3 de Abril) e no Conselho Europeu de Lisboa é aprovado o princípio da subsidiariedade (26 de Junho). Escolhido João de Deus Pinheiro para novo comissário português na Comissão Europeia. Durão Barroso sucede-lhe como ministro dos negócios estrangeiros (5 de Novembro). Assembleia da República ratifica o Tratado de Maastricht (10 de Dezembro).

• **Televisão privada** – Governo atribui os dois canais de televisão privada. Um para o grupo de Pinto Balsemão, que será baptizado como SIC. Outro para a Igreja Católica, que será conhecido como TVI, sendo liderado

por Roberto Carneiro. O ministro Dias Loureiro vota contra, dado ter sido preterido o grupo liderado por Daniel Proença de Carvalho, depois de intensas negociações com D. José Policarpo, onde um dos intermediários é Fernando Seara (6 de Fevereiro). Começam as emissões do primeiro canal privado de televisão, a SIC (6 de Outubro). O director de programas, Emídio Rangel, vem da estação de rádio TSF. Os começos da década de noventa assistem assim à emergência de novos educadores populares e de novos fabricantes de símbolos, pelo que as antigas entidades morais geradoras de significações partilhadas, como eram os agentes estaduais de ensino, a Igreja Católica e a própria maçonaria, são superadas por entidades privadas sem marca deontológica, onde dominam as regras que não admitem regras que possam impedir o lucro.

• **Regresso de Champalimaud** – Governo firma acordo com António Champalimaud, depois de negociações conduzida pelo ministro Braga de Macedo e pelo secretário de Estado Elias da Costa. O velho capitalista recebe cerca de dez milhões de contos para a compra da seguradora Mundial-Confiança, mas é afastado da Cimpor.

• **Bloqueios e cooperações** – Governo acusa o Presidente da República de obstrução sistemática e inadmissível (14 de Julho). Assembleia da República aprova nova revisão constitucional, tendo em vista a adequação ao Tratado de Maastricht (17 de Novembro).

• **António Guterres** eleito secretário-geral do PS, sucedendo a Jorge Sampaio (23 de Fevereiro). Desde logo, anuncia que *o PS não precisa de ter complexos de esquerda*.

• **Remodelação.** Demite-se o Ministro da Educação Diamantino Durão (16 de Março)

• **Manuel Monteiro**, novo presidente do CDS (22 de Março). Segue-se a demissão de Freitas do Amaral como militante do CDS (9 de Novembro). O jovem estudante de Direito da Universidade Católica, com o apoio de Adriano Moreira e do semanário *Independente* de Paulo Portas, vence a candidatura do tarimbeiro histórico e ex-ministro, Basílio Horta.

• **Comunistas e ex-comunistas.** Dissidentes do PCP constituem a *Plataforma de Esquerda*. Destacam-se José Luís Judas, Pina Moura e Barros Moura. Os principais líderes da dissidência acabarão hierarcas do PS (9 de Maio). XIV Congresso do PCP. Carlos Carvalhas², novo secretário-geral do PCP (15 de Dezembro). Álvaro Cunhal passa a presidente do Conselho Nacional

• **Turbulências sociais** – Cerca de 1 200 militares pedem a passagem à reforma, face à nova lei de redimensionamento das forças armadas (20 de Outubro) e, de um momento para o outro, vão para a gaveta da inactividade militar as gerações da guerra colonial e do abrilismo, com capitães e majores feitos pançudos coronéis do *faz-figura*, fazendo discursos sobre as glórias de



um outrora que já não há, ao mesmo tempo que passam a gestores de empresas de segurança, jardinagem ou apoio à cooperação africana. Manifestações de estudantes e agricultores contra a política governamental. Os primeiros estão contra as propinas. Os segundos reclamam subsídios, por causa da seca (24 de Março). Manifestação estudantil contra as propinas, com cerco à Assembleia da República (18 de Novembro). Manifestação de autarcas contra o governo, com o encerramento simbólico de muitas câmaras municipais e manifestação na Assembleia da República (11 de Dezembro).

• **A questão de Timor** – Operação do navio *Lusitânia Expresso* nos mares de Timor, levando a bordo o ex-presidente Ramalho Eanes. Marinha indonésia impede a entrada do vaso de protesto nas águas territoriais (11 de Março). Entretanto, o líder da resistência armada, Xanana Gusmão, é preso em Dili (20 de Novembro)

• **Eleições Regionais** (11 de Outubro). Novas maiorias absolutas do PSD, nos Açores, sob a liderança de Mota Amaral, e na Madeira, com Alberto João Jardim.

📖 Ortigão, Ramalho (*Farpas*, VI): 115. :No ano lectivo de 1992-1993, assumimos a regência da cadeira de *Ciência Política* do 2º ano de Relações Internacionais no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, publicámos *Princípios Gerais de Direito. Uma Perspectiva Politológica*, em três tomos: I *Ambiente do Direito*; II *Conceitos Operacionais*; III *Direito Positivo*, Lisboa, Associação de Estudantes do ISCSP, Lisboa, 1992 (edição policopiada, 350+303+316 pp., bem como o volume de poesia *Na Raiz do Mais Além*, Lisboa, 1992. Proferimos também várias conferências: *O Ensino Básico e o Princípio da Igualdade*, intervenção no Hotel Altis, I Congresso Internacional *Melhor Escola. Melhor Sociedade*, promovido pela Associação Nacional dos Professores do Ensino Básico, tendo também feito parte da Comissão Científica em 7 de Maio de 1992; *O Futuro das Nações*, intervenção numa mesa redonda sobre *Diálogo Político*, promovida pelo Instituto Dom João de Castro em 28 de Março de 1992; *A Questão do Estado no Contexto Africano*, no seminário *Transição para a Democracia nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa*, na Academia Internacional Liberdade e Desenvolvimento, em 24 de Maio de 1992; *Os Nacionalismos na Europa*, na Universidade de Braga, em 27 de Maio de 1992; *O Homem Português e a Procura da República Universal* no âmbito do ciclo *Leituras do Homem* promovido pelo Professor Almerindo Lessa, enquanto coordenador do Instituto Coordenador de Estudos Graduados da Universidade Internacional, em 29 de Maio de 1992; *O Pós-Maastricht*, no IV Forum Universitário de Estudos Europeus, em Dezembro de 1992, no Colégio Universitário Pio XII.

● **Tempo de teocracia.** Vive-se um tempo de teocracia, de mistura de deuses, afinal uma das principais manifestações da revolução global, onde há a difusão da vulgata de uma certa cultura política, reflexo da ideologia dominante. Dá-se, com efeito, uma mistura entre a teologia do mercado, resultante da perspectiva do *free trade*, e o modelo organizatório do *État-Nation*, produto da Revolução Francesa, um caldo que leva os condimentos de certo conceito de direitos do homem, com remota origem no cristianismo. A conjunto damos, por vezes o nome de Estado de Direito, socorrendo-nos das grandes sínteses romano-bizantinas e, mais recentemente, dos modelos franco-germânicos da codificação e da pandectística. E sobre o pano de fundo das culturas tradicionais, quase tribais, circula uma super-estrutura estrangeirada, marcada pela ideia iluminista das *nações polidas e civilizadas*. O que até à Segunda Guerra Mundial era um mero fenómeno ocidental, europeu e americano, transformou-se num processo global, planetário.